



CARTA DO PAPA BENTO XVI

AO PADRE PETER-HANS KOLVENBACH,
PREPÓSITO-GERAL DA COMPANHIA DE JESUS
POR OCASIÃO DO 50º ANIVERSÁRIO
DA ENCÍCLICA “HAURIETIS AQUAS” DO PAPA PIO XII

Ao Reverendo Padre PETER-HANS KOLVENBACH, S.J.

Prepósito-Geral da Companhia de Jesus

As palavras do profeta Isaías: “Tirareis água com alegria das fontes da salvação” (12,3), que abrem a Encíclica com a qual Pio XII recordava o primeiro centenário da extensão a toda a Igreja da Festa do Sagrado Coração de Jesus, hoje, cinquenta anos depois, nada perderam do seu significado. Ao promover o culto ao Coração de Jesus, a Encíclica *Haurietis aquas* exortava os crentes a abrirem-se ao mistério de Deus e do seu amor, deixando-se transformar por ele. Após cinquenta anos, permanece uma tarefa sempre atual dos cristãos continuar a aprofundar a sua relação com o Coração de Jesus de maneira a reavivar em si mesmos a fé no amor salvífico de Deus, acolhendo-o cada vez melhor na própria vida.

O lado traspassado do Redentor é a fonte à qual nos envia a Encíclica *Haurietis aquas*: devemos haurir desta fonte para alcançar o conhecimento verdadeiro de Jesus Cristo e experimentar mais profundamente o seu amor. Poderíamos assim compreender melhor o que significa *conhecer* em Jesus Cristo o amor de Deus, *experimentá-lo* mantendo o olhar fixo n’Ele, até *viver* completamente do seu amor, para depois o poder *testemunhar* aos outros. De fato, para retomar uma expressão do meu venerado Predecessor João Paulo II: “próximo do coração de Cristo, o coração humano aprende a conhecer o sentido verdadeiro e único da vida e do próprio destino, a compreender o valor de uma vida autenticamente cristã, a prevenir-se de certas perversões do coração, a unir o amor

filial a Deus com o amor ao próximo. Assim, a verdadeira reparação exigida pelo Coração do Salvador sobre as ruínas acumuladas pelo ódio e pela violência, poderá ser edificada a civilização do Coração de Cristo” (*Insegnamenti*, vol. IX/2, 1986, pág. 843).

Na Encíclica Deus *caritas est*, citei a afirmação da primeira Carta de São João: “Nós reconhecemos o amor que Deus tem por nós e acreditamos nele”, para realçar que na origem do ser cristão está o encontro com uma Pessoa (cf. n. 1), porque Deus se manifestou do modo mais profundo através da encarnação do seu Filho, tornando-se “visível” n’Ele. É na relação com Cristo que podemos reconhecer quem é verdadeiramente Deus (cf. Enc. *Haurietis aquas*, 29-41; Enc. *Deus caritas est*, 12-15). E ainda: dado que o amor de Deus encontrou a sua expressão mais profunda no dom que Cristo fez da sua vida por nós na Cruz, é sobretudo olhando para o seu sofrimento e para a sua morte que podemos reconhecer de modo sempre mais claro o amor sem limites que Deus nos tem: “Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigênito, a fim de que todo o que crê não se perca, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).

Este mistério do amor de Deus por nós, entre outras coisas, não constitui apenas o conteúdo do culto e da devoção ao Coração de Jesus: ele é, de igual modo, o conteúdo de qualquer espiritualidade e devoção verdadeira. Por conseguinte, é importante realçar que o fundamento desta devoção é antigo como o próprio cristianismo. De fato, só é possível ser cristão com o olhar dirigido para a Cruz do nosso Redentor, “Àquele a quem traspassaram” (Jo 19,37; cf. Zc 12,10). Justamente a Encíclica *Haurietis aquas* recorda que a ferida do lado e as dos pregos foram para numerosas almas os sinais de um amor que informou cada vez mais a vida deles (cf. n. 52). Reconhecer o amor de Deus no Crucificado tornou-se para elas uma experiência interior que lhes fez confessar, juntamente com Tomé: “Meu Senhor e meu Deus” (Jo 20,28), permitindo-lhes alcançar uma fé mais profunda no acolhimento sem reservas do amor de Deus (cf. Enc. *Haurietis aquas*, 49).

O significado mais profundo deste culto ao amor de Deus só se manifesta quando se considera mais atentamente o seu contributo não só ao conhecimento, mas também, e sobretudo, à experiência pessoal deste amor na dedicação confiante ao seu serviço (cf. Enc. *Haurietis aquas*, 62), Sem dúvida, experiência e conhecimento não podem estar separados: um faz referência ao outro. É necessário entre outras coisas realçar que um verdadeiro conhecimento do amor de Deus só é

possível no contexto de uma atitude de oração humilde e de generosa disponibilidade. Partindo desta atitude interior, o olhar fixo no lado traspassado pela lança transforma-se em adoração silenciosa. O olhar no lado traspassado do Senhor, do qual jorram “sangue e água” (cf. Jo 19,37), ajuda-nos a reconhecer a multidão dos dons de graça que dele provêm (cf. Enc. *Haurietis aquas*, 34-41) e abre-nos a todas as outras formas de devoção cristã que estão incluídas no culto ao Coração de Jesus.

A fé intensa como fruto do amor de Deus experimentado é uma graça, um dom de Deus. Mas o homem só poderá experimentar a fé como uma graça na medida em que a aceitar dentro de si como um dom, do qual procura viver. O culto do amor de Deus, ao qual a Encíclica *Haurietis aquas* convidava os fiéis (cf. *ibid.*, 72), deve ajudar-nos a recordar incessantemente que Ele assumiu sobre si este sofrimento voluntariamente “por nós”, “por mim”. Quando praticamos este culto, não reconhecemos só com gratidão o amor de modo que a nossa vida seja por ele cada vez mais modelada. Deus, que infundiu o seu amor “nos nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado” (cf. Rm 5,5), convida-nos incansavelmente a acolher o seu amor. O convite a doar-se totalmente ao amor salvífico de Cristo e a dedicar-se a ele (cf. *ibid.*, n. 4) tem, portanto, como primeira finalidade a relação com Deus. Eis por que este culto, totalmente dirigido ao amor de Deus que se sacrifica por nós, é de importância insubstituível para a nossa fé e para a nossa vida no amor.

Quem aceita o amor de Deus interiormente, é por ele plasmado. O amor de Deus experimentado é vivido pelo homem como uma “chamada” à qual ele deve responder. O olhar dirigido ao Senhor, que “tomou as nossas enfermidades e carregou as nossas dores” (Mt 8,17), ajuda-nos a tornar-nos mais atentos ao sofrimento e à necessidade dos outros. A contemplação adorante do lado traspassado pela lança torna-nos sensíveis à vontade salvífica de Deus. Torna-nos capazes de nos confiarmos ao seu amor salvífico e misericordioso e, ao mesmo tempo, fortalece-nos no desejo de participar na sua obra de salvação tornando-nos seus instrumentos. Os dons recebidos do lado aberto, do qual saíram “sangue e água” (cf. Jo 19,34), fazem com que a nossa vida seja também para os outros fonte da qual promanam “rios de água viva” (Jo 7,38) (cf. Enc. *Deus caritas est*, 7). A experiência do amor haurida do culto do lado traspassado do Redentor tutela-nos do perigo do fechamento em nós mesmos e torna-nos mais disponíveis para uma vida para os outros. Disto conhecemos o amor: “Ele deu a sua vida por nós, portanto

também nós devemos dar a vida pelos irmãos” (1Jo 3,16) (cf. Enc. *Haurietis aquas*, 38).

A resposta ao mandamento do amor é tornada possível só pela experiência que este amor já nos foi dado primeiro por Deus (cf. Enc. *Deus caritas est*, 14). O culto do amor que nos torna visível no mistério da Cruz, representado em cada Celebração Eucarística, constitui, portanto, o fundamento para que possamos tornar-nos pessoas capazes de amar e de nos doarmos (cf. Enc. *Haurietis aquas*, 69), tornando-nos instrumento nas mãos de Cristo: só assim se pode ser anunciadores credíveis do seu amor. Mas este abrir-se à vontade de Deus deve renovar-se em cada momento: “O amor nunca está “concluído” e completo” (cf. Enc. *Deus caritas est*, 17). O olhar no “lado traspassado pela lança”, no qual resplandece a vontade ilimitada de Deus, não pode ser considerado como uma forma passageira de culto ou de devoção: a adoração do amor de Deus, que encontrou no “coração traspassado” a sua expressão histórico-devocional, permanece imprescindível para uma relação viva com Deus (cf. Enc. *Haurietis aquas*, 62).

Com os votos de que a celebração cinquentenária sirva para estimular em muitos corações uma resposta cada vez mais fervorosa ao amor do Coração de Cristo, concedo-lhe, Reverendíssimo Padre, e a todos os Religiosos da Companhia de Jesus, sempre muito ativos na promoção desta fundamental devoção, uma especial Bênção Apostólica.

Vaticano, 15 de maio de 2006.

PAPA BENTO XVI

© Direitos autorais reservados pelo Centro de Estudos Léon Dehon – Faculdade Dehoniana.
É permitida a reprodução integral e a livre circulação para fins não lucrativos.
É proibido o plágio e a cópia, total ou parcial, dos textos e desenhos dos autores – para qualquer finalidade – sem citar a fonte.